

DOIS DEDOS DE CONVERSA
SOBRE O DENTRO DAS COISAS

Um Crente, Um Ateu e a Verdade Como Provocação

COLEÇÃO DEBATES:

1. PORQUE DEVEMOS CHAMAR-NOS CRISTÃOS

As Raízes Religiosas Das Sociedades Livres, Marcello Pera

2. DOIS DEDOS DE CONVERSA SOBRE O DENTRO DAS COISAS

Um Crente, Um Ateu e a Verdade Como Provocação, Bruno Nobre e Pedro Lind

Bruno Nobre e Pedro Lind

DOIS DEDOS DE CONVERSA
SOBRE O DENTRO DAS COISAS

Um Crente, Um Ateu e a Verdade Como Provocação



Capa:
GORDO® designers
Design:
GORDO® designers

Paginação:
Editorial Frente e Verso – Braga
Impressão e acabamentos:
Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

ISBN 978-989-98322-2-0
Depósito legal n.º 359253/13

Maio de 2013

Com todas as licenças necessárias

© Frente e Verso
Rua S. Barnabé, 32
4710-309 Braga
www.frenteverso.pt
geral@frenteverso.pt

Nota do Editor: As obras publicadas pela Editorial Frente e Verso seguem o antigo Acordo Ortográfico. No presente livro, por opção dos Autores, os seus textos respeitam o novo Acordo Ortográfico.

Ao P. Alfredo Dinis

Ao Rodrigo

PREFÁCIO

João Lobo Antunes

Devo confessar que já perdi a conta aos prefácios que escrevi, embora não tenha ainda chegado (nem de longe, nem de perto) à situação crítica de que se lamentava Paul Valéry de só ler livros para os quais escrevia prefácios. Mas o convite para escrever uma breve introdução em parceria com Carlos Fiolhais (mais outro físico!), que tanto admiro e estimo, foi irresistível. A explicação é simples: apreciei o livro e o modo despretensioso como o tema foi tratado, abrindo-o a um público vasto, que nele encontra motivo amplo de interrogação sobre uma questão antiga de séculos e perenemente insolúvel – as relações entre a ciência e a fé, acerca das quais alguém se interrogou: duelo ou dueto¹?

Na verdade, eu próprio me empenhei num civilizado diálogo com um padre jesuíta, pioneiro entre nós da genética molecular, Luís Archer. A minha intervenção tinha como título «Um velho duelo», e faz parte de uma colectânea de ensaios chamada «Memória de Nova Iorque e outros Ensaios»². Recordei então que pela primeira e, tanto quanto

¹ WENTZEL VAN HUYSTEEEN, J. – *Duet or Duel. Theology and Science in a Postmodern World*. Trinity Press International, 1998.

² LOBO ANTUNES, J. – «Um Velho Duelo». *Memória de Nova Iorque e outros Ensaios*. Gradiva, 2002, pp. 97-114.

sei, única vez que um homem das neurociências se decidiu a defrontar um jesuíta a vitória pendeu claramente, em minha opinião, para o homem da Companhia de Jesus. Refiro-me à famosa polémica que, no princípio do século XX, opôs o padre Fernandes Santana, professor no Colégio de Campolide (e que ensinara Egas Moniz num outro colégio famoso, São Fiel) e o Dr. Miguel Bombarda.

Os autores deste livro são ambos físicos e situam-se em lados opostos da barricada: Bruno Nobre é crente (e jesuíta) e Pedro Lind ateu (convicto). O modelo do diálogo (neste caso, epistolar) foi já ensaiado em projectos semelhantes que os autores, aliás, citam. Permito-me acrescentar àqueles o livro de Jean Guitton e dois irmãos físicos, J. e I. Bogdanov, «Dieu et la Science» (1991), onde glosam particularmente o «princípio antrópico», que significa essencialmente que o universo terá sido «desenhado» de modo a permitir a emergência de uma vida inteligente, tal como a conhecemos. Não resisti a citar este livro porque foi nele que encontrei uma citação de Theillard de Chardin, autor que me encantou na juventude, que é bem ilustrativo da beleza de um certo panteísmo que tanta aflição causou em Roma: «En chaque particule, chaque atome, chaque molécule, chaque cellule de matière, vivent cachés et œuvrent à l'insu de tous l'omniscience de l'éternel et l'omnipotence de l'infini».

Em 1997, Larson e Wiltham³ retomaram um estudo de James Leuba, de 1916, que concluía que 60% de um grupo de cientistas escolhidos ao acaso não acreditavam em Deus, e previa que este número iria aumentar com o progresso da educação e da ciência. De facto, a não ser num grupo

³ LARSON, E. J. e WITHAM, L. – «Scientists are still keeping faith». *Nature* 386: 435-436 (1997).

de cientistas «top», tal não sucedeu⁴. Mudara, no entanto, a distribuição pelas várias ciências. Agora eram os físicos e os astrónomos os mais cépticos. É verdade que alinham no exército dos crentes, físicos tão ilustres como Lord Kelvin, Robert Millikan, Sir Arthur Eddington ou Charles Townes e a religiosidade de Einstein (provavelmente o mais ilustre dos ateus «religiosos») continua a ser matéria de apaixonado debate. Vale a pena ouvi-lo: «To know that what is impenetrable to us really exists, manifesting itself as the highest wisdom and the most radiant beauty which our dull faculties can comprehend only in their most primitive forms – this knowledge, this feeling, is at the center of true religiousness. In this sense, and in this sense only, I belong in the ranks of devoutly religious men»⁵. Por seu lado, Steven Weinberg, outro físico ilustre e um ensaísta notável, não é tão benevolente na sua apreciação do problema e afirma que embora seja a favor do diálogo entre a ciência e religião não é a favor de um «diálogo construtivo» porque, sublinha, «one of the great achievements of science has been, if not to make it impossible for intelligent people to be religious, then at least to make it possible for them not to be religious»⁶. Mas noutro passo do ensaio de onde retirei esta citação, confessa: «I have to admit that, even when physicists still have gone as far as they can go, we could not have a completely satisfying picture of the world, because we are still left with the question why?». A questão do «porquê?» está subjacente ao longo do diálogo dos autores deste livro.

⁴ LARSON, E. J. e WITHAM, L. – «Leading scientists still reject God». *Nature* 394: 313 (1998).

⁵ Citado em DORWKIN, R. – «Religion without God». *NY Review Books*: 4-24 (Abril 2013).

⁶ WEINBERG, S. – «A Designer Universe?». In *Science and Religion. Are they compatible?*, editado por Paul Kurtz. Prometheus Book, 2003, pp. 31-40.

O título do livro é demasiado modesto: «Dois dedos de conversa sobre o dentro das coisas» pouco diz sobre o seu conteúdo e escapa-me um pouco a «provocação da verdade» como fio condutor desta troca epistolar. Mas retenho o «dentro das coisas» porque é evidente para mim que se se pretende falar de fé ou, por extensão, de religião só é possível fazê-lo falando por dentro e este tem sido o erro flagrante de ateus militantes como, entre outros, Richard Dawkins («The God Dellusion») ou Daniel C. Dennett («Breaking the Spell: Religion as Natural Phenomenon»)⁷. De facto, toda a abordagem «científica» para a investigação do fenómeno religioso é uma mera expressão de «cientismo», ou seja, é usar a ciência para explicar fenómenos que não podem ser explicados pela ciência porque se situam fora do seu domínio⁸. Esta é uma tentação irresistível para alguns, mas algo que neste livro foi prudentemente evitado. Pelo contrário, os autores expressam claramente uma outra posição: «procurámos ser intelectualmente honestos, mas o rigor científico nunca foi uma pretensão». Bruno é um crente com uma argumentação teológica serena, que rescende ao melhor estilo jesuítico (que eu, aliás, tanto aprecio). Pedro, por seu lado, afirma-se um «ateu convicto». Freeman Dyson, um outro físico e uma figura excepcional da cultura e da ciência, distingue dois tipos de ateus: os que não acreditam em Deus e os que consideram Deus um inimigo pessoal. Pedro pertence, pese embora a sua convicção, ao primeiro grupo, o que o protege do que é mais repelente no novo ateísmo: «a intolerância das suas certezas»⁹. Deste modo, este escrito a quatro

⁷ DYSON, F. – «Religion from the Outside». Crítica a «Breaking the spell: Religion as a Natural Phenomenon» por Daniel C. Dennett. *NY Review of Books*, 22 (Junho 2006).

⁸ HAACK, S. – *Six Signs of Scientism*. *Logos & Episteme* 111, 2012, 75-95.

⁹ WOOD, J. – «God in the Quad». *The New Yorker's*: 75-79 (31 Agosto 2009).

mãos nunca resvala para uma disputa acrimoniosa, nem a dissonância das opiniões força à escolha de um dos contendores. É verdade que não me foi possível em certos momentos da leitura – e o mesmo sucederá decerto a outros leitores – despir-me do papel de juiz de uma espécie de combate pugilístico, ora concedendo pontos a um, ora ao outro e, não raramente, a tentação foi mesmo saltar para o ringue e envolver-me na peleja. Mas este desafio é certamente sinal de mérito desta obra.

Este texto não tem a pretensão de aprofundar a dicotomia que enunciei logo no início, mas vai muito para lá da mera questão da ciência e da fé, e assim trata também de outras matérias que necessariamente destas derivam. A sua análise é muitas vezes leve e quase nunca superficial. Assim aventuram-se, por exemplo, a falar do sentido da vida, do milagre e do missionarismo. Quanto a este, a argumentação de Pedro é frágil e a resposta de Bruno segura – como pode o Cristianismo não espalhar a (sua) boa nova? Permanece, no entanto, a questão magna, pedra de toque da cruzada contra o Cristianismo e, em boa verdade, contra qualquer religião organizada, das maleficências do zelo religioso, cuja verdade histórica ninguém pode negar, embora raramente se faça a comparação com maleficências comparadas (se não piores) levadas a cabo por outras formas de fundamentalismo. É bom não esquecer Hitler, Stalin, Mao ou o Khmer Rouge... Weinberg tentou sintetizar os malefícios da religião de forma lapidar: «good people will do good things, and bad people will do bad things. But for good people to do bad things – that takes religion». A esta sentença Dyson acrescentou: «And for bad people to do good things – that takes religion».

Quanto ao sentido da vida não resisto ao pecado da auto-citação: «a fé da juventude fugiu não sei para onde e

ficou-me a inconsolável solidão e o controlo vigilante da angústia metafísica, inevitável para quem assiste à morte nas suas várias modalidades: libertadora, injusta, trágica, anunciada, absurda...». De facto, sempre me guiei pela convicção de que somos postos neste mundo para servir os outros e, conforme a parábola evangélica, para fazer render os talentos que a genética nos concedeu e a educação transformou e ampliou. Há, na profissão que escolhi, uma constante dimensão transcendental que, por isso mesmo, a situa num plano superior e independente do mero cumprimento de critérios ético-morais. Mas é o reconhecimento e a experiência quotidiana dessa dimensão que me concedem a robustez espiritual para aguentar, com humildade e resignação, o desalento que as derrotas da clínica inevitavelmente provocam. Por outro lado, habituei-me a conviver com o milagre da cura, que por vezes se disfarça sob a roupagem de uma coincidência feliz. É por isso que me não esqueço, no quotidiano do meu sacerdócio cirúrgico, da história que agora conto.

Apresentou-se na minha consulta um doente muito idoso que eu operara e declarou satisfeito: – *Estou muito bem, graças a Deus.*

Depois percebeu que era preciso acrescentar algo e disse: – *E ao senhor Professor!*

Pausou, ainda não satisfeito com a fórmula, e concluiu: – *Ajudam-se um ao outro!*

E foi assim: Bruno Nobre e Pedro Lind ajudaram-se um ao outro e ajudaram os leitores com este diálogo tranquilo e de medida erudição sobre questões muito sérias, às quais, pela absorção no quotidiano e pelo ruído que provoca, raramente prestamos atenção.

(No sábado de Aleluia 2013)

PREFÁCIO

*Carlos Fiolhais**

Bruno Nobre e Pedro Lind têm em comum o facto de pertencerem à mesma geração – a geração hoje com trinta e poucos anos – e de serem doutores em Física. E têm em comum o gosto pela troca de ideias e posições. Os dois apresentam-se, nas páginas deste livro, com atitudes opostas perante o divino: o primeiro, jesuíta, é evidentemente crente, ao passo que o segundo se declara convictamente ateu. A conversa entre eles anda à volta das relações entre ciência e religião, da realidade dos milagres e do lugar de Deus no mundo, da origem e destino do ser humano, dos valores e do sentido da vida, da fé e do seu proselitismo, do racionalismo e do relativismo. A forma é a epistolar. Os argumentos são esgrimidos pelos dois em prosa sábia, fluida e elegante. Ao contrário do que é costume nos debates entre nós, cada um escuta o outro com atenção e responde-lhe com honestidade. É um prazer, depois da agradável leitura, escrever um prefácio, na companhia inspiradora do Doutor João Lobo Antunes.

Nas suas primeiras cartas, o Bruno e o Pedro interrogam-se sobre a compatibilidade entre ciência e religião. A

* Professor de Física da Universidade de Coimbra.

respeito desta questão, o físico e teólogo Ian Barbour (com obras clássicas sobre o tema, que de resto o presente livro não se esquece de citar¹) ensaiou uma tipologia que sistematiza as diversas posições. A primeira é a visão de incompatibilidade e conflito, defendida, entre outros, pelo físico Francis Crick, o co-descobridor da estrutura do ADN, e, mais modernamente, pelo biólogo Richard Dawkins, o polemista que apoiou a ideia dos autocarros britânicos com anúncios ateus. A segunda é a da compatibilidade entre ciência e religião por estas serem «magistérios distintos». Esta é a tese defendida, entre outros, pelo teólogo protestante Karl Barth e pelo biólogo Stephen Jay Gould: ciência e religião perseguem objectivos diferentes, usando meios diferentes, pelo que pouco terão a dizer uma à outra. A terceira é uma visão que, afirmando ainda a referida compatibilidade, vai mais longe, vendo na ciência e na religião uma certa margem de sobreposição: as duas podem, por isso, ganhar ao falar uma com a outra. Defendem uma posição desse tipo John Polkinghorne, que de professor de Física passou a padre anglicano, vendo conexões entre a teoria do caos e a teologia natural, ou o físico Fritjof Capra, que descortina ligações entre a física moderna e as religiões orientais. Por último, a quarta, e mais temerária, procura a integração ou conciliação completa das duas actividades humanas: neste caso, a compatibilidade seria total, assegurada por um processo de convergência. Esta é a posição do naturalista Edward O. Wilson, fundador da sociobiologia e defensor da ideia de «consiliência», para quem a ciência acabará de certo modo

¹ BARBOUR, Ian – *Religion and Science: Historical and Contemporary Issues*. New York: HarperCollins, 1997, e *When Science Meets Religion, Enemies, strangers, or partners*. *Ibid.*, 2000. Ver também HARRISON, Peter (ed.) – *The Cambridge Companion to Science and Religion*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge, 2010.

por explicar a religião, ou, num plano bastante diverso, do paleontólogo e teólogo jesuíta Teilhard de Chardin, para quem o mundo é mais bem descrito por um olhar sincrético. Onde se situam, neste quadro, os nossos interlocutores?

A virtude está no meio. Estão entre a segunda e a terceira, entre a independência e o diálogo. Os dois concordam que ciência e religião são independentes, não se podendo por isso confrontar num jogo em que só um pode ganhar. De facto, não surge neste livro um embate frontal entre ciência e religião. Tendo os dois autores formação e experiência científica, seria aliás difícil que algum deles permitisse que a ciência saísse ferida. A compatibilidade entre ciência e religião é aliás demonstrada pela existência de sacerdotes que fazem ciência. O Bruno não vê, na fé que professa e transmite, qualquer dificuldade em cultivar a física das partículas elementares, tal como o padre católico belga Georges Lemaître, um dos proponentes da Teoria do *Big Bang* da origem do Universo, não considerava a sua busca do céu primordial uma procura de Deus. Foi ele que afirmou:

«O investigador cristão tem de dominar e aplicar com sagacidade a técnica apropriada para o seu problema. Os seus meios de investigação são os mesmos que os do seu colega não-crente... Num certo sentido, o investigador abstrai da sua fé na sua investigação. Ele faz isso não porque a sua fé lhe poderia causar dificuldades, mas sim porque ela não tem diretamente nada a ver com a sua actividade científica. Afinal, um cristão não age de forma diferente do que qualquer não-crente, quando se trata de caminhar ou de correr»².

Está aqui bem expressa a ideia do «duplo magistério». Esta separação de águas, possível dentro da mesma

² GODART, Odon and HELLER, Michal – *Cosmology of Lemaître*. Tucson: Pachart Publishing House, 1985.

pessoa, pode ser remontada a Galileu, um homem de fé que não a perdeu diante do Tribunal da Inquisição, quando se viu no lugar de actor principal num drama que marcou a história das relações entre Igreja e ciência, hoje já resolvido após o Papa João Paulo II ter admitido um erro judicial. Para Galileu, e como ele próprio escreveu numa carta à grã-duquesa Cristina de Lorena, citando o cardeal Caeser Baronius, bibliotecário do Vaticano, «*a intenção do Espírito Santo é ensinar-nos como ir para o céu e não como o céu se move*»³. Um outro cardeal italiano, este moderno, Gianfranco Ravasi, que preside ao Pontifício Conselho para a Cultura, considera que esta frase, mais do que digna de um cientista, é digna de um teólogo. No seu livro *Breve História da Alma*, numa secção significativamente intitulada «*Tinha razão Galileu, o teólogo*», escreve: «*Tinha razão Galileu – que, neste caso, se revelava melhor teólogo do que os seus opositores teólogos*»⁴.

Por outro lado, os dois autores deste livro abordam, na sua discussão, algumas questões sensíveis na zona de contacto entre ciência e religião, às quais respondem com a sua mundividência individual. Percebe-se que há, ou pode haver, alguma interacção entre ciência e religião. Ravasi, depois de apontar a independência entre ciência e religião, observa que há elementos que a ciência e a religião partilham: «*Como aconteceu também no debate sobre a evolução, a tentação do derrube das fronteiras é sempre forte, até porque é idêntico o objecto examinado pela ciência e pela teologia ou filosofia, quer dizer, o homem*». Tem

³ FIOLEAIS, Carlos – «Em busca de sentido: ciência e religião», in Secretariado Diocesano de Evangelização e Catequese, *Em Busca de um sentido: Ateísmo e crença na construção da pessoa que ama*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2012.

⁴ RAVASI, Gianfranco – *Breve História da Alma*. Lisboa: D. Quixote, 2011.

razão Ravasi, o teólogo. Tanto a ciência como a religião são pertença do humano, constituindo-se como dimensões diferentes do mesmo ser. É tão humano querer conhecer o mundo como aspirar ao outro mundo. E só se pode compreender o homem quando se olha para tudo aquilo que ele faz. É o facto de ciência e religião terem por origem e destinatário o ser humano que permite que as duas coloquem por vezes questões semelhantes ou mesmo idênticas, embora lhes respondam de modos distintos, dadas as diferenças não só dos seus objectivos mas também da sua metodologia.

O diálogo entre crentes e ateus vai, claro, muito além das relações entre ciência e religião. Tal acontece quando está em causa o modo diferente de olhar a vida por pessoas que receberam o dom, ou graça, de acreditar no transcendente, quer dizer, a fé, e por outras que não o receberam. O que é a fé? Santo Agostinho disse que *«fé é acreditar naquilo que não se vê; a recompensa é ver aquilo em que se acredita»*. Há decerto um hiato, um salto, entre a crença e a não crença. Pode-se tê-la ou não. Pode-se ganhá-la ou perdê-la. Mas será que só esse dom ou graça pode dar sentido à vida? Será que os valores individuais e sociais, a ética, têm de radicar apenas na religião? É óbvio, e fica mais óbvio após ler uma carta do Pedro, que não. É possível uma ética que não entronque na ideia de Deus. Ninguém poderá dizer que, por exemplo, o físico Albert Einstein, que não acreditava em Deus (pelo menos no Deus pessoal do Antigo Testamento, acreditando antes numa religiosidade cósmica à moda de Bento Espinosa), não tivesse um sentido da existência humana extremamente impregnado de sentido ético. Mas foi ele que afirmou, numa linha seguida aqui pelo Pedro, que a ética era um assunto puramente humano:

«*Eu não acredito na imortalidade do indivíduo, e considero a ética como uma questão exclusivamente humana sem qualquer autoridade sobre-humana por trás*»⁵.

Foi Einstein que o disse, mas o mesmo podia ter sido dito por alguém sem formação científica. Tal posição não radica na ciência de Einstein.

O diálogo entre crentes e não crentes tem sido cultivado nos últimos tempos pela Igreja Católica. O papa emérito Bento XVI ainda só era cardeal Joseph Ratzinger, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, quando dialogou publicamente, no ano 2000, em Roma, com o filósofo ateu Paolo Flores d'Arcais sobre se *Existe Deus?*. Declarou ele nessa ocasião que a «*fé não deve impor-se com o poder – isso é um grande pecado e um grande erro – mas propor-se à evidência da razão e do coração*», ao que o seu interlocutor respondeu que «*é possível viver sem fé: a fé não é necessária para dar sentido à própria existência, pode conferir-se sentido à existência de muitas formas*»⁶. Mais modernamente, o cardeal Ravasi tem organizado o chamado Pátio dos Gentios, um lugar de debate com a gente fora do templo, numa alusão ao famoso sítio no exterior do templo de Salomão, em Jerusalém, destinado aos não judeus (num episódio dos Actos dos Apóstolos, S. Paulo é acusado de ter feito entrar gregos no templo). Esses encontros disseminaram-se, a partir de Itália, por todo o mundo, tendo chegado a Portugal. Os livros que retratam esses debates⁷ e a presente obra mostram como

⁵ CALAPRICE, Alice (ed.) – *The Ultimate quotable Einstein*. Princeton: Princeton University Press, 2011, with a Foreword by Freeman Dyson.

⁶ RATZINGER, Joseph e FLORES D'ARCAIS, Paolo – *Existe Deus? Um confronto sobre verdade, fé e ateísmo*. Lisboa: Pedra Angular, 2009.

⁷ RAVASI, Gianfranco et al. – *O Átrio dos Gentios. Crentes e não-crentes perante o mundo e hoje*. Lisboa: Edições Paulinas, 2012, e FAZZINI, Lorenzo – *Diálogos no Pátio dos Gentios. Onde os Laicos e os Católicos se encontram*. Braga: Diário do Minho, 2012.

podem ser enriquecedores os diálogos desse tipo. Revelam afinidades que não eram à partida evidentes. Tanto um crente como um não crente podem acreditar (uma palavra a que nenhum deles nem quer nem pode renunciar!) que o mundo de amanhã pode ser melhor, pelo menos um bocadinho melhor. Esta é uma crença que conduz à acção, uma crença que preside à acção. Podemos, de facto, tornar o mundo de amanhã melhor. Se esse esforço se chama redenção, a redenção é uma vontade comum de pessoas que pareciam estar em campos opostos. E a acção poderá ser comum.

Coimbra, 18 de Abril de 2013

NOTA INTRODUTÓRIA

Porquê estas conversas?

Em 2008, os autocarros londrinos viraram uma nova página no mundo do *marketing*. No espaço publicitário de cinquenta autocarros, o produto anunciado não era a última geração de telemóveis, nem um destino turístico com uma ilha e palmeiras em pano de fundo. Não. Nem uma só imagem sequer. O que se anunciava nestes autocarros era Deus! Todavia, não se anunciava onde estava Ele, nem de que era feito, nem o que fazia. O que se anunciava era a sua *não* existência. «Deus provavelmente não existe», lia-se. Na verdade, anunciava-se a sua *provável* não existência, o que reflete alguma cautela e ponderação por parte dos autores do *slogan*.

E, partindo da possibilidade, provável, de Deus não existir, o *slogan* continuava: «Por isso, não te preocupes». Ora, se a primeira parte do *slogan* poderia ter a sua originalidade e até rigor, mesmo que isenta de fundamentação, esta segunda parte levanta uma série de questões. A existência ou inexistência de Deus prende-se com *preocupações* que sempre inquietaram o ser humano na sua tentativa de compreender o mundo e o seu lugar nele. Como se podia agora afirmar, mesmo que sob a forma de um *slogan* publicitário, que a não existência de Deus implica uma *não* preocupa-

ção? Como pode essa *não* existência ser a solução para algo que nos preocupa? Talvez o anúncio pretendesse induzir no transeunte uma sensação de libertação: se aquela entidade, várias vezes encarada como algo opressor, autoritário e punidor, provavelmente não existe, podemos deixar de lado uma série de preocupações. No entanto, o transeunte mais crítico certamente detetaria alguma inconsistência na afirmação. Existem muitas preocupações que não se prendem com punições ou opressões.

O *slogan* não terminava por aqui: «Por isso, não te preocupes e *aproveita a tua vida*». Aproveitar a minha vida *porquê?* Porque Deus não existe? Aproveitar a minha vida *para quê?* Que objetivos e proveitos especiais existem na vida de cada um como consequência da não existência de Deus? Os autores do *slogan* podem responder: todos os objetivos e proveitos que cada um quiser ou imaginar. Mas, ter todos os objetivos possíveis não será equivalente, na prática, a não ter objetivo nenhum? Fazer uma escolha tornar-se-ia inevitável. Mas sob que critérios? E porquê esses critérios e não outros?

Pensando um pouco sobre tudo isto, percebe-se que o aparentemente descontraído *slogan* sobre uma provável inexistência de Deus despoleta, afinal, uma série de *preocupações*.

Este evento propagandista não é casual. Nem sequer é exclusivo de ateus fundamentalistas. Reflete com nitidez alguns traços característicos da mentalidade contemporânea. A não existência de algo, seja Deus, uma ideologia ou uma filosofia de vida, é entendida como uma libertação. Uma libertação sem um objetivo definido. Uma libertação *per se*. De uma forma geral, hoje encaramos o compromisso associado à escolha como algo negativo. Queremos – exigimos

– estar tanto quanto possível isentos de todas e quaisquer restrições ou condicionantes no nosso dia a dia.

Os atos de emancipação ou libertação foram durante muitos séculos um meio para enfrentar as preocupações do ser humano e da sociedade. Podemos concordar ou discordar da forma como foram usados, mas foram essencialmente *meios* ao serviço de soluções estruturantes da forma como vemos o mundo à nossa volta e de como vivemos. Hoje, esta libertação tornou-se fundamentalmente um *fim*. Não queremos ser livres para fazer *determinada* escolha. Queremos simplesmente ser livres, para fazer uma escolha *qualquer!* Não para decidir. Somente para experimentar. Quantas vezes adquirimos um produto não porque necessitamos dele, mas porque queremos experimentá-lo? «*Só uma vez*», dizemos, como se a casualidade do ato de experimentar justificasse a sua legitimação. De facto, a *não-preocupação* é algo muito apreciado nas sociedades contemporâneas. Optamos tendencialmente pelo diferente e pelo provisório, sob a bandeira de experimentar tudo e de evitar preocupações, em vez de encarar a vida como *um* percurso feito de escolhas e decisões.

Se Deus *existe*, há vários motivos para *preocupação*. Sem dúvida. Se Deus *não* existe, também! E em ambos os casos, é a *preocupação* correspondente que nos leva a interagir uns com outros, a intervir na realidade e a tentar captar a verdade acerca do mundo à nossa volta. É precisamente por usarmos essa capacidade – a de *nos preocuparmos* – que temos a oportunidade única de verdadeiramente *aproveitarmos a vida*. Este livro é fruto dessa preocupação e nasceu com o desejo desse proveito pleno.

É um livro composto por uma coleção de cartas que surgiram a partir de conversas entre os seus autores. Serões de dois dedos de conversa e uma mão cheia de reflexões nas

quais, em vez de anunciarmos um ao outro «verdades» em forma de *slogan*, procurámos desbravar terreno juntos, pensando com liberdade e deixando transparecer o confronto das opiniões diversas de cada um. Mais tarde, achámos que poderia ser interessante retomar essas conversas numa sucessão de cartas abertas que foram publicadas em meio eletrónico, o *essejota.net*¹. Essas cartas motivaram alguma discussão e interesse em vários leitores que nos sugeriram a continuação da conversa e a sua publicação em suporte de papel. Neste contexto, e correndo sempre o risco de omitirmos nomes, não podemos deixar de agradecer a ajuda e apoio preciosos de alguns protagonistas, sem os quais este livro não poderia ter nascido. Ao Manuel Cardoso que de forma incansável manteve o contacto com ambos os interlocutores para que as cartas pudessem ser editadas nas datas previstas e com o formato adequado. Ao P. Alfredo Dinis pela leitura crítica e pelo entusiasmo que sempre nos transmitiu para que levássemos este projeto por diante. Ao Andreas Lind, pela leitura aprofundada e cuidada que não poupou os autores às críticas necessárias para melhorarem a escrita e alguma exposição dos argumentos. Ao Eloy Figueiredo, ao Gonçalo Marques, à Maria Gonçalves, ao Ricardo Branco pelas críticas e pelas sugestões que em muito contribuíram para a nossa tentativa de transmitir com clareza, acessibilidade e profundidade as nossas ideias sobre os temas que decidimos discutir. Finalmente, ao P. António Valério, por se ter disponibilizado desde logo na edição deste volume.

As cartas que se seguem sucedem-se num percurso possível, ao longo do qual discutimos alguns dos temas e questões que todos nós, enquanto seres humanos, não podemos deixar

¹ www.essejota.net.

de nos colocar. Por vezes temos opiniões concordantes. Mas no fundamental, assumimos, um e outro, posições distintas.

Sendo um de nós crente e o outro ateu, decidimos apresentar este manuscrito por três motivos. Em primeiro lugar, porque – num tom que talvez desafie o *slogan* dos autocarros de Londres – ambos os autores procuram *aproveitar a vida, preocupando-se* verdadeiramente com várias coisas. Em segundo lugar, porque, embora tendo perspectivas muito díspares, coincidimos, como se verá, em percursos de vida de certa forma paralelos, sobretudo no que se refere à nossa formação. Em terceiro lugar, porque estas não são conversas que se pretendam isentas de confronto. Hoje habituamo-nos facilmente a uma coexistência morna que procura neutralizar perspectivas antagónicas. Encarando a libertação como um fim em si mesmo, tende-se a achar que o melhor é cada um ter a opinião que quiser e sem mais discussões. No entanto, aceitar desinteressadamente que cada um assuma a perspectiva que bem entender não revela verdadeiro interesse na opinião do outro. Nem promove, sequer, a tolerância.

Nesta nossa troca de cartas não pretendemos alcançar um consenso nem manter uma neutralidade artificial. Pretendemos, apenas, discutir com frontalidade e honestidade assuntos que interessam a ambos. Sem procurar forçar uma mudança de opinião, sem tentar convencer, mas argumentando o melhor que sabemos e procurando permanecer verdadeiramente atentos à argumentação do outro.

Nem o formato que escolhemos, nem as temáticas do nosso diálogo são de modo algum originais. Ficaram famosos, em Itália, os diálogos entre o filólogo Umberco Eco e o Cardeal Martini² e o debate entre o filósofo e político Haber-

² ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria – *Em que acredita quem não acredita?* Lisboa: Edições Temas de Hoje S.A., 1997.

mas e o então Cardeal Ratzinger³. Em Espanha, este formato colocou em debate o politólogo e filósofo Ignacio Sotelo e o jesuíta e teólogo José Ignacio González Faus⁴. No nosso país, houve também um diálogo similar que contrapôs o ensaísta Eduardo Prado Coelho e D. José Policarpo, teólogo e Cardeal Patriarca de Lisboa⁵. As nossas cartas não pretendem, como é óbvio, colocar-se a par destes duelos de titãs que, contudo, nos emprestam o formato e nos servem de inspiração. Uma característica particular nos diálogos que se seguem é que os seus interlocutores têm a mesma formação académica. Ambos somos físicos, o que poderá, de alguma forma, colorir distintamente algumas das discussões.

O nosso discurso procura ser simples, direto e informal, mas ao mesmo tempo rigoroso e fundamentado. É certo que as nossas cartas se dirigem aos leitores mais categóricos e convictos. Quer sejam fundamentalistas religiosos – por vezes mais certos da inferioridade da fé alheia do que preparados para argumentar sobre a coerência da sua –, quer sejam os novos ateístas – fundadores de associações onde profetizam a libertação de todos os Homens, denunciando a religião como um mal a eliminar. Mas estas cartas destinam-se, também, a qualquer pessoa com uma curiosidade menos comprometida sobre temas que têm ainda a capacidade de separar ou unir pessoas, sejam ateus ou crentes.

Estas cartas não são, contudo, um tratado de filosofia, nem nós somos filósofos. Não pretendemos – nem conseguiríamos! – apresentar uma abordagem aprofundada e sis-

³ PERA, Marcello; RATZINGER, Joseph – *Without roots: The west, relativism, christianity, Islam*. London: Basic Books, 2007.

⁴ SOTELO, Ignacio; FAUS, José Ignacio González – *Deus e a Fé, Razões do Crente e do Não Crente*. Lisboa: Editorial Notícias, 2005.

⁵ POLICARPO, D. José; COELHO, Eduardo Prado – *Diálogos sobre a Fé*. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.

temática sobre temáticas que ocuparam algumas das mentes mais geniais na história sem que tenha sido possível alcançar uma resposta definitiva e consensual. Procurámos ser intelectualmente honestos, mas o rigor científico nunca foi uma pretensão. Assim, tocamos em várias questões que podem ser interminavelmente aprofundadas. Estas cartas são, afinal, uma tentativa de explicarmos um ao outro a forma como entendemos alguns aspetos importantes da nossa experiência humana. Neste sentido, a nossa argumentação certamente aparecerá como superficial e incompleta aos olhos dos especialistas das várias áreas nas quais conscientemente nos intrometemos. Para o leitor mais exigente deixamos ao longo do texto algumas sugestões bibliográficas.

Por último, as presentes cartas não têm a pretensão de convencer o leitor de nenhuma das nossas opiniões. São, acima de tudo, uma partilha da nossa própria tentativa de pensar a nossa experiência como humanos, e nesse sentido talvez possam ser para outros um convite à reflexão sobre temas que são de sempre. São um apelo a não aceitar acriticamente o *slogan* dos autocarros londrinos e um desafio a que cada um se preocupe com tudo o que na vida vale verdadeiramente a pena. Perante um futuro que parece chegar cada vez mais depressa, e no contexto de uma sociedade onde a informação flui a uma velocidade vertiginosa, impedindo por vezes a reflexão e a fundamentação das nossas próprias convicções, torna-se cada vez mais necessário e urgente repensar os grandes temas que sempre *preocupam* a humanidade. Se esta coleção de cartas *provocar* nos leitores um pouco mais desta preocupação, este volume não terá sido em vão.

Os autores